

Materiais didáticos e formação de professores

Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista
Universidade Federal do Ceará

Considerações iniciais

O material didático é um ponto de referência para o trabalho docente, um recurso a mais para a aprendizagem. Portanto, é necessário que no âmbito das Licenciaturas se problematize o papel a ele atribuído e se reflita sobre as possíveis implicações da escolha e emprego de determinados materiais na condução da prática docente e no processo de aprendizagem no contexto escolar.

Sendo assim, ao longo deste trabalho, discorreremos a respeito da dimensão formativa do ensino da língua estrangeira na escola (com ênfase para o espanhol) e insistiremos na necessidade de que a eleição dos materiais didáticos tenha como foco a construção e ampliação dos conhecimentos dos diferentes sujeitos a fim de promover a educação linguística e a inclusão social. Em outras palavras, que o material didático possa ser visto como uma alternativa que contribua para a instauração e o fomento da autonomia na aprendizagem e para o letramento crítico dos alunos. E, desse modo, que o futuro professor possa avaliá-lo, a partir de critérios condizentes com o caráter e a natureza do ensino de línguas no contexto escolar.

Sobre o ensino de espanhol na escola

Ao tratar dos materiais didáticos e da formação de professores, se faz preciso considerar o papel do ensino de espanhol – ou de línguas– na escola, tanto no que tange à formação dos sujeitos e sua inclusão social quanto com respeito a sua relação com as demais áreas de conhecimento e com a construção de competências almejadas. Neste sentido, nos remetemos as **Orientações Curriculares para o Ensino Médio** (BRASIL, 2006, p. 129) tendo em vista a menção ao papel educativo que pode ou deve ter o ensino de línguas na escola, pois a ele cabe

(...) proporcionar em termos de inclusão social e étnica, na constituição de sua cidadania, local e global; dos desafios que nos impõe, nesse sentido, uma sociedade globalizada, informatizada, em que as próprias fronteiras das tradicionais formas de manifestação da linguagem, antes tratadas no ensino de línguas como as quatro habilidades –

compreensão escrita, compreensão oral, expressão escrita, expressão oral –, se interpenetram e diluem.

Outro ponto mencionado é que o ensino do espanhol precisa possuir um sentido que transcenda o “caráter puramente veicular” (BRASIL, 2006, p. 129), de forma que tenha peso no “processo educativo” vivenciado pelos estudantes, expostos à “alteridade, à diversidade, à heterogeneidade”.

Além desses aspectos, cabe notar a alusão ao contexto em que se dá o ensino de espanhol, em concreto, a diferença entre o ensino do espanhol no âmbito regular e no do ensino livre (BRASIL, 2006, p. 131), já que

Trata-se de experiências de natureza diferente, que não podem ser confundidas nem mesmo quando o ensino das línguas na escola é terceirizado. Não se trata de questionar ou criticar a atuação das escolas/academias de línguas, mas de fazer ver que não se podem identificar a proposta e os objetivos desses institutos com a proposta educativa e os objetivos do ensino de Línguas Estrangeiras no espaço da escola regular, no qual o ensino da língua estrangeira, reiteramos, não pode nem ser nem ter um fim em si mesmo, mas precisa interagir com outras disciplinas, encontrar interdependências, convergências, de modo a que se restabeleçam as ligações de nossa realidade complexa que os olhares simplificadores tentaram desfazer; precisa, enfim, ocupar um papel diferenciado na construção coletiva do conhecimento e na formação do cidadão.

É necessário, ainda, ter claro que o conhecimento de uma língua estrangeira – ou outras – no nível de ensino em que se encontram os alunos, qual seja o básico, pode levá-los a “ver-se constituir-se como sujeito a partir do contato e da exposição ao outro, à diferença, ao reconhecimento da diversidade” (Brasil, 2006, p. 133).

Dessa ótica, portanto, os objetivos do ensino de espanhol, no contexto escolar, visam, prioritariamente, o estabelecimento de uma reflexão, consistente e profunda, sobre o “estrangeiro” e suas “(inter)relações com o nacional”, tornando conscientes noções tais como as de “cidadania, de identidade, de plurilinguismo e de multiculturalismo”, relacionadas tanto à língua materna quanto à estrangeira (BRASIL, 2006, p. 149).

Esses exemplos sumariamente expostos servem para nos situar quanto à especificidade do ensino de espanhol na escola, aos objetivos que possam dar-lhe sustentação, às competências que precisam ser investidas e potencializadas e, ainda, quanto à construção das subjetividades e formas de enfrentar-se com as diversas alteridades.

Em conformidade com essa perspectiva, entendemos que o material didático é uma referência para o trabalho docente, constituindo-se em um recurso a mais para a aprendizagem dos alunos. Dessa ótica, a análise, eleição e emprego dos distintos materiais didáticos podem contribuir para a construção e a ampliação dos conhecimentos dos diferentes sujeitos e para a sua participação social de forma crítica e reflexiva.

Contudo, como possibilitar, no âmbito da Licenciatura, aos futuros professores algumas diretrizes para que eles possam conceber os materiais didáticos como recursos que favoreçam a aprendizagem no âmbito escolar? E mais: como, ao empregar os distintos materiais, entre os quais incluímos o livro didático, se possa estabelecer uma relação de autonomia, pautada pela atitude reflexiva frente às propostas e fins do material eleito?

Sem pretender responder definitiva e cabalmente as questões anteriores, mas com o intuito de contribuir para ampliar a reflexão em torno dos materiais didáticos e a forma de abordá-los na formação inicial de professores, propomos chamar a atenção para a estreita relação entre a escolha desses materiais e seus efeitos no ensino. Sendo assim, interessa assinalar que é um recurso para a aprendizagem e como tal precisa ser valorizado e precisam ser reconhecidas as possíveis implicações advindas de certas escolhas no que se concerne ao ensino e a aprendizagem na escola, um contexto bastante específico, como assinalamos.

Ora o exposto nos leva a ponderar que, ao optar por determinado material, se faz necessário que o futuro professor se sinta capaz de avaliá-lo e de integrá-lo ao seu projeto de ensino, conforme e coerente com sua visão de ensino e com a sua compreensão acerca do papel do ensino da língua estrangeira, no caso o espanhol, para a formação do aluno. Reconhecemos, porém, que há diversos e diferentes fatores que poderão condicionar – ou até mesmo determinar – a eleição dos materiais didáticos como, por exemplo, a idade dos alunos, o número de alunos por sala e a tecnologia disponível na escola. No entanto, entendemos que o futuro professor precisa compreender quais são as concepções teórico-metodológicas que embasam o material, como nele são concebidos os sujeitos alvos da aprendizagem, em termos da aquisição e desenvolvimento de suas competências e habilidades na língua estrangeira e de sua dimensão sócio-cognitiva, cultural e humana. E que

possa, assim, ter claro quais seriam os fins da aprendizagem de línguas na escola e se as atividades e conteúdos proporcionam condições que os favoreçam ou potencializem.

Sobre o material didático, aprendizagem e ensino

A escola – e mais restritamente a sala de aula – não são espaços neutros, mas sim de confrontos; confrontos de pontos de vista, de identidades, de valores e de percepções. Sendo de tal modo, lidar com as divergências e diferenças pressupõe lidar com a formação para a cidadania e com a inclusão social dos sujeitos. Neste sentido, no âmbito da formação inicial é de fundamental importância que se estabeleça, com clareza, uma filosofia de trabalho que oriente a prática docente, o que se refletirá, sem dúvida, sobre a forma de planejar as aulas; de selecionar conteúdos e tratá-los; de conduzir as aulas; de tratar das diferenças linguísticas, discursivas e culturais, por exemplo. Dizendo de outro modo, é no âmbito da formação inicial que podemos definir ações para que os futuros professores possam lidar, criticamente, com os diferentes materiais que vão incorporar à sua prática.

Destarte, é fundamental que olhemos e discutamos nos cursos de formação inicial a relação entre os distintos conteúdos propostos e sua articulação com as diferentes áreas de conhecimento; que se observe em que medida e em que aspectos o material selecionado e empregado possibilita que os conteúdos a serem explorados se convertam em experiências significativas e relevantes de aprendizagem. Ou ainda, em que medida certos conteúdos contribuem para a aquisição e desenvolvimento de competências mais complexas na língua alvo, como são as de compreensão e produção oral e escrita.

Assim, por exemplo, importa analisar nos diferentes materiais de ensino – e mais especificamente nos livros didáticos – quais são as teorias que orientam a elaboração da proposta do material, que entendem por aprendizagem e por ensino, como se organizam os conteúdos e quais são esses e como se relacionam com os objetivos propostos.

De forma análoga, interessa observar o que se valoriza nos sujeitos aprendizes: se são suas capacidades criativas, interpretativas, críticas ou a memorização e/ou a repetição. Já que de acordo com esse perfil se delineiam ou se

definem determinadas propostas de atividades e exercícios, que podem favorecer ou levar a uma condição psicológico-afetiva positiva com respeito à aprendizagem. Neste sentido, interessa notar como é tratada a dimensão visual (imagens e cores) e a sonora (gravações de sons, música, vozes), além da eleição de temas e atividades que possam ser motivadoras e relacionadas ao universo dos alunos.

Além desses aspectos, é preciso identificar e analisar se as atividades proporcionam interação (em grupos ou pares) ou se se são fundamentalmente individuais. E, conseqüentemente, o que visam desenvolver: se uma ou mais habilidades comunicativas e competências, se a capacidade de manipular mostras linguísticas a partir de um modelo, se a capacidade de repetição, o conhecimento de regras, a memorização do vocabulário ou a capacidade de socializar e interagir na língua estrangeira.

Ainda com respeito à visão do aluno e as propostas de atividades e aquisição de competências, por exemplo, é importante observar como são tratadas a compreensão e a produção oral e escrita.

Assim, por exemplo, se as atividades e conteúdos podem conduzir o aluno a desenvolver sua competência leitora, entendida de forma reflexiva, compreensiva, com base em um letramento crítico ou se estaria atrelada a uma visão de leitura predominantemente estratégica. Se os textos aos quais será exposto o aluno primam pela diversidade genérica, discursiva e linguística e se são autênticos ou construídos com objetivos didáticos.

Do mesmo modo, se se pretende que esse aluno desenvolva sua produção escrita, tomando seu lugar como autor, revisando e avaliando seus textos, percebendo-se produtor de texto; conformando sua produção aos diversos fins da escrita, de forma a desenvolver capacidades textuais e discursivas e ampliar seu repertório genérico ou que seja visto como um mero repetidor de estruturas desconexas.

Em síntese, se se pretende que esse aluno memorize regras de gramática, repita frases e estruturas, ou ainda, que ele possa interagir, expressar idéias, pontos de vista, argumentar, discordar, posicionar-se e construir com o outro uma relação verdadeiramente dialógica por meio da compreensão e produção de textos orais e escritos na língua estrangeira. Ou ainda, se são contemplados os letramentos

multiculturais ou multiletramentos, ou seja, aqueles que compreendem os da cultura escolar e os dominantes, os da cultura local e os de massa; os letramentos multisemióticos, ou seja, aqueles que abarcam as diversas linguagens e semioses (oral, escrita, musical, imagética); os letramentos críticos e protagonistas, ou seja, os que envolvem o tratamento ético dos discursos produzidos na sociedade em suas diversas mídias e culturas (ROJO, 2009, p. 107-108).

Ademais dos aspectos elencados, concernentes ao perfil do aluno e objetivos de aprendizagem em termos de certas competências e habilidades, interessa levar os futuros professores a uma reflexão sobre que concepção de língua orienta esse material. Se há espaço para os sujeitos e seus falares, se os conteúdos definidos em dado material não se limitam a mostras estereotipadas da língua, desconectadas de seus sujeitos produtores, de suas corporalidade e sentido. Assim sendo, interessa observar como se entendem e se apresentam a gramática e o léxico.

Quanto à gramática, se pode observar como é apresentada (se de forma explícita ou implícita) e como são oferecidas as explicações gramaticais (se por meio de esquemas, se relacionadas com a língua dos estudantes, se referidas a exemplos textuais ou se expostas a partir da regra e das respectivas exceções). Ainda se se desenvolvem atividades epilinguísticas, focadas na reflexão e, em caso afirmativo, como são introduzidas (se antes de outras atividades, no curso dessas ou depois).

Quanto ao léxico, convém identificar quais são os critérios para sua seleção: se aparecem primeiro os vocábulos mais comuns (léxico de base), seguidos dos mais raros; se se adotam critérios como os da complexidade ou da funcionalidade (de acordo com o tema da unidade). Ou ainda, se há preocupação com questões de natureza semântica e discursiva.

Não menos importante ainda são as dimensões cultural e intercultural. Neste sentido, interessa examinar como se apresentam as distintas sociedades, se de forma anacrônica, estereotipada, ou ainda, complexa e multifacetada. Convém, ao mesmo tempo, refletir acerca do se entende como cultura e como o componente cultural é introduzido: se se trata de uma seleção de tópicos ou de feitos de um grupo social, se se reproduzem estereótipos e práticas discriminatórias, racistas,

veiculando-se determinadas ideologias¹. Ou se se abre a possibilidade de olhar mais amplamente para os demais, investindo-se na pluralidade, nas diferentes formas de habitar e de dar sentido ao mundo, de construir saberes e questionar poderes por meio de relações dialógicas estabelecidas historicamente através das distintas práticas discursivas. Neste viés, se há brechas para deslocar-se discursos hegemônicos, para desconstrução de práticas discriminatórias e para a afirmação das diferentes identidades dos distintos grupos e sujeitos.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, propusemos uma reflexão a respeito do material didático, em especial no que tange à formação inicial de professores e ao ensino e à aprendizagem do espanhol no contexto escolar. Daí, portanto, nossa ênfase na especificidade desse contexto, já que, como bem assinalam Willians e Burdem (2008, p.123), a aprendizagem de línguas tem uma dimensão fortemente social pois

A linguagem, ao fim e ao cabo, pertence a toda essência social da pessoa; é parte de sua identidade e se utiliza para transmitir identidade a outras pessoas. A aprendizagem de um idioma implica muito mais que a aprendizagem de habilidades ou de um sistema de normas ou de uma gramática; implica uma alteração da autoimagem, a adoção de novas condutas sociais e culturais e de novas formas de ser, pelo que produz um impacto importante na natureza social do aluno.

Sendo assim, consideramos que os materiais didáticos representam possibilidades para uma aprendizagem significativa, que pressupõe, por sua vez, mudanças nos sujeitos; mudanças em suas condutas e práticas sociais e culturais. Desse modo, os materiais didáticos podem contribuir para promover a aquisição e desenvolvimento de competências amplas que possam conduzir a construção de conhecimentos de diversa natureza e complexidade, que, por sua vez, poderão levar a tais mudanças.

Para finalizar, não podemos deixar de dizer que não existe um “material ideal”, “perfeito” para todo e qualquer sistema de ensino e aprendizagem, pois seria problemático e/ou ingênuo supor ou acreditar que o processo de aprendizagem se dá de modo idêntico nos diferentes contextos e que os alunos respondem de forma

¹ Conforme Van Dijk (2003) as ideologias são sistemas de ideias de grupos sociais e movimentos. Elas não somente dão sentido ao mundo (desde o ponto de vista do grupo), mas também fundamentam as práticas sociais de seus membros.

única. Contudo, apesar disso, entendemos que é imprescindível ter clareza quanto à dimensão mais ampla do ensino de línguas no contexto escolar e quanto aos objetivos que o orientam.

E, assim sendo, buscar nos materiais clareza quanto ao perfil de alunos nele delineado, seja em termos de sua inserção social e formação, seja em termos do desenvolvimento de suas potencialidades e competências; quanto ao papel que nos cabe como mediadores na construção conjunta dos conhecimentos; quanto à relevância das capacidades mais elevadas de crítica e de reflexão; quanto à mudança de atitudes, percepções, representações e valores e quanto à desconstrução das práticas discriminatórias e racistas. São essas, enfim, algumas das diretrizes que nos podem conduzir a olhar, observar e selecionar o material didático como um construto de possibilidades e não como um fim em si mesmo.

Referências

- BRASIL/SEB/MEC. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. (2006): Brasília: Secretaria de Educação Básica, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Rojo, Roxane. (2009): *Letramentos múltiplos: escola e inclusão social*. São Paulo: Ed. Parábola.
- VAN DIJK, Teun A. (2003): *Ideología y discurso*. Barcelona: Ariel.
- Williams, Marrion; Burden, L.Robert. (2006): *Psicología para profesores de idiomas. Enfoque del constructivismo social*. Madrid: Ed. Edinumen.